Paisagens Gráficas / Elaine Arruda

Paisagens
Gráficas

Elaine Arruda

Paisagens Gráficas

Elaine Arruda

Projeto artístico equivalente a Dissertação,
apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Área
de Concentração Artes Visuais, Linha de Pesquisa Poéticas
Visuais, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de
São Paulo, como exigência parcial para obtenção do
Título de Mestre em Artes, sob a orientação do
Prof. Dr. Marco Francesco Buti

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Maurício Arruda e Sheyla Andrade, pela criação maravilhosa que recebi; pelo suporte, companheirismo e admiração mútuos.

Às minhas irmãs, Elisa Arruda e Eloise Arruda, por todo amor que nos une.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marco Francesco Buti, por ter sido importante interlocutor na construção deste trabalho.

Aos Professores Cláudio Mubarak e Lúcia Koch, pelos comentários atenciosos na banca de qualificação.

À CAPES, por ter apoiado a realização deste projeto.

Ao "seu Chico", Francisco Del Tetto, pela engenhosidade de transformar uma calandra em prensa de gravura em metal, portanto por ter tornado possível essa pesquisa. Além da generosidade em me acolher na metalúrgica Santa Terezinha, disponibilizando seus equipamentos e operários.

Ao "seu Russo", pelo apoio e disponibilidade na metalúrgica A Reconstructora.

Aos amigos Rubens, Jorge, Max, João, Abel e Robson, pela convivência, troca de conhecimentos e dedicação que empregam ao meu trabalho nas metalúrgicas.

Aos incansáveis Michael Santiago, Débora Oliveira, Verônica Lima e Vivian Santa Brígida, meus queridos assistentes.

Ao Dinho, pela articulação e suporte no Porto do Sal.

Aos fotógrafos Valério Silveira e Flávio Lamenha pela minuciosa documentação.

À Débora Flor e Véronique Isabelle, pela amizade e escuta sensível.

Ao amigo Daniel Silva, por ter feito o design gráfico deste livro.

À Flora Assumpção e Cleiri Cardoso, por terem me acolhido em São Paulo e pela parceria durante todo o mestrado.

Ao amigo e eterno parceiro Armando Sobral.

À Alyne Alvarez, pelo amor, dedicação, confiança e principalmente, pela coragem de sempre acreditar na vida.

Sem título
Gravura em metal
Ponta seca sobre zinco
1m x1m
2013

Gravura em metal
Ponta seca sobre zinco
1,20m x3m
2014

Gravura em metal
Ponta seca sobre zinco
3m x1,20m
2014

Sem título
Gravura em metal
Ponta seca sobre zinco
1m x1m
2013

Sem título
Gravura em metal
Ponta seca sobre zinco
2mx1m
2013

Paisagens gráficas

Os trabalhos aqui apresentados foram realizados nos últimos dois anos, no decorrer do mestrado em poéticas visuais. As imagens são gravuras em metal, com dimensões entre um e doze metros, produzidas a partir do meu interesse na paisagem. O encontro do corpo com a imensidão das grandes escalas me atrai sensorial e processualmente.

A gravura, pra mim, é uma linguagem cega, até o momento de tirar o papel da matriz e ver o que aconteceu ali. Olhar o trabalho impresso é uma etapa que sucede um longo processo e diversas suposições. Antes dele, imagino que em determinada área tenha um cinza, pois uma sequência de linhas suaves contrasta com o outro lado da matriz, onde calejei o metal com profusões que me darão um negro intenso. A materialidade do zinco, dos instrumentos de gravação e das técnicas que envolvem o processo de trabalho não permitem anunciar o inusitado das imagens que se constituirão na experiência intensiva entre corpo e matéria. A composição das minhas gravuras acontece nesse jogo de tons: o leve e o pesado, o suave e o grave, o claro e o escuro; que obviamente se misturam, se sobrepõem, construindo uma sensação, mais do que uma representação ou narrativa. Sempre achei que minha poética está muito próxima da música, pois intuitivamente é como se as linhas fossem a melodia, ritmada pela atmosfera que a imagem evoca. Levar isso às grandes escalas é uma experiência de envolvimento corporal, onde a relação com o espaço sugere movimento, percurso, correntezas, virações, deslocamentos e descontinuidades. Uma imensidão que é preciso atravessar.

Minha trajetória com a gravura vem sendo marcada por uma intensa investigação procedimental, que incorpora novas condições de produção e procura pensar os seus limites. O interesse em expandir a escala dos trabalhos surgiu como um passo à frente na pesquisa que desenvolvia com procedimentos de cortes diretos sobre o metal,

a ponta seca; técnica que devolve à estampa qualidades físicas e intensidades gráficas de grande força expressiva. Esse caminho me levou a um repertório ferramental mais amplo – machados, marretas e ponteiros – fazendo incidir sobre a imagem impressa um corpo residual de tinta cada vez mais espesso.

Minha pesquisa de mestrado aconteceu entre as cidades de São Paulo e Belém, onde produzo em duas metalúrgicas navais: Santa Terezinha e A Reconstructora. O contato com as metalúrgicas da Cidade Velha, região portuária de Belém, me possibilitou desenvolver um trabalho que partisse desse encontro de estruturas e saberes diversos. São oficinas que possuem equipamentos adaptáveis à impressão de gravuras em metal (calandras), com medidas que ultrapassam os limites das prensas encontradas nos ateliês tradicionais de gravura. Portanto, foram criadas as condições para que o trabalho se redimensionasse, não somente quanto à sua escala, mas, fundamentalmente, às suas possibilidades de produção e circulação.

O território portuário, seus insumos materiais, visualidade e sonoridade proporcionam condições físicas, poéticas e materiais para a pesquisa em artes visuais. A tradição naval incide na produção gráfica como dado inovador, quando incorpora seus princípios e possibilita a realização de gravuras em grandes dimensões. A imersão nessa geografia pontua a paisagem e o corpo como consequências e reconhecimento do campo de pesquisa, na medida em que a escala das obras é reflexo de seu contexto. A cidade de Belém está inserida de forma peculiar entre um amplo rio e uma floresta densa, úmida e quente, cuja atmosfera carregada parece estar sempre sujeita a ser tomada novamente pela floresta. Essa densidade transborda visualmente nas gravuras, na medida em que a resistência da ponta seca e o embate com o campo gráfico superdimensionado carregam em si a tensão daquela paisagem: espaços vastos em envergadura e acidentados em profundidade visual e material.

O Porto do Sal é um complexo de portos, situado à margem da intensa paisagem insular da baía do Guajará. Na década de 30, foi um importante ponto de comercialização de especiarias amazônicas, como a pimenta do reino, a castanha do Pará e o peixe salgado. Atualmente, é considerado uma "área de risco", em função do tráfico de drogas e da prostituição. Apesar de muitas famílias viverem no seu entorno, a maioria em condições precárias, é uma zona predominantemente comercial, onde existem diversos galpões, depósitos e estâncias. Dentre eles, está a metalúrgica Santa Terezinha.

A metalúrgica A Reconstructora fica no bairro do Reduto, região mais central de Belém, com características similares às da Cidade Velha, exceto pela distância do rio. Apesar de ambas atuarem no mesmo mercado, a diferença entre elas é a calandra (prensa), que só existe na segunda. Por esse motivo, a Santa Terezinha é o espaço de gravação e entintagem, enquanto a Reconstructora é o lugar de impressão.

Mercado do Porto do Sal
Belém - PA

Metalúrgica Santa Terezinha
Belém - PA

Francisco Del Tetto - Proprietário
Metalúrgica Santa Terezinha

Visualização dos trabalhos.
Instituto Tomie Ohtake
São Paulo - SP

Fotografias

Fotos das obras

Flávio Lamenha

Fotos do processo

Valério Silveira

Michael Santiago

Vídeos

Débora Flor

Design Gráfico

Daniel Silva

Equipe de trabalho / assistentes

Débora Oliveira

Michael Santiago

Verônica Lima

Vivian Santa Brígida

Trabalhadores das Metalúrgicas / Colaboradores

Rubens

João

Max

Jorge

Robson

Apoio

Metalúrgica Santa Terezinha e A Reconstructora